

Primeira semana de aula

Situações de aprendizagem - Arte

Prezado(a) professor(a):

As situações de aprendizagem elaboradas para o início de 2009 foram concebidas como ações flexíveis que procuram oferecer subsídios aos professores. Procuramos cuidar para não confrontar a diversidade de contextos existentes no amplo território paulista.

Acreditamos no professor propositor, que encontra seus caminhos em seu processo educativo.

As aulas oferecem a possibilidade de potencializar os primeiros diagnósticos dos alunos e de suas turmas, apresentando questões que permeiam todo o Currículo de Arte do Estado de São Paulo, além de proporcionarem um aquecimento especial para as aulas vindouras. Esperamos que as práticas sejam facilitadoras do planejamento escolar deste ano.

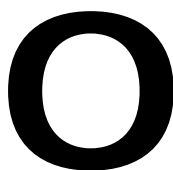
Situação de aprendizagem 1

Memória cultural, espaços da cultura

Recomendada para: Ensino Fundamental II e Ensino Médio

Duração: 2 aulas

Elaboração: Bruno Fischer Dimarch



Objetivos

- Identificar instituições e manifestações culturais.

- Mobilizar saberes e discussões sobre instituições, manifestações culturais, assim como questões relacionadas à preservação, inovação e invenção no âmbito desta temática.
- Produzir mapas individuais e coletivos sobre os espaços da cultura.
- Ampliar os referenciais culturais dos alunos.
- Planejar e organizar uma exposição das criações.

Apresentação

Para aquecer o pensamento de nossos alunos, por que não iniciar as atividades mobilizando-os a refletir sobre cultura? A Proposta Curricular de Arte do Estado de São Paulo destaca a arte especialmente em suas conexões com a cultura, sendo que muitos são os territórios nos quais podemos constatar as relações entre ambas.

A situação de aprendizagem que segue busca discutir o que pode vir a ser cultura e o espaço da arte em seu seio, recorrendo à memória cultural dos alunos.

Recursos materiais

- Giz, lousa, papel, lápis, caneta e outros materiais disponíveis para a criação dos mapas.

Conteúdo

- Relações entre arte e cultura.

P

rocedimentos

Problematize com seus alunos o que é cultura. Conforme a conversação seguir, incite outras questões como: quais os locais da cultura? O que podemos dizer que é parte da cultura?

Procure não definir antecipadamente para os alunos o que é cultura, e incentive-os a perceber relações entre suas vidas e a cultura. Ela está em suas práticas? Faz parte de seus saberes? De seus momentos de lazer? Está presente em sua cidade, seu bairro, sua comunidade?

A dinâmica da conversação pode contar com o suporte da lousa como registro das palavras-chave que venham a surgir.

Em nossa relação com a realidade criamos, preservamos, cultivamos e transformamos nossos hábitos, crenças, formas de comunicação, arte, tecnologia, saberes e tantas outras práticas e criações exclusivamente humanas. Ao acompanharmos a evolução da humanidade percebemos como a cultura está em constante mudança. Inovações tecnológicas, por exemplo, dispararam a reelaboração de como pensar a realidade, se comunicar, se alimentar, utilizar o tempo livre, fazer arte, ensinar etc. Mesmo elementos da cultura preservados, como rituais litúrgicos, passam a engendrar novidades como melhores infraestrutura de som e iluminação e o acesso aos cultos e a outros rituais (cerimônias fúnebres, casamentos, pregações, orações etc.) via televisão, computador e aparelho celular.

O que os alunos pensam sobre a preservação cultural? E sobre inovação e invenção? Quais são os espaços da cultura? Permita que as respostas abram brechas para outras questões. Não se preocupe em respondê-las precisamente, o objetivo não é identificar para classificar ou sanar as dúvidas, interrompendo-as. Enquanto há brechas o pensamento tende a mover-se em busca de novos sentidos. Respostas fechadas, como em uma enciclopédia, tendem a bloquear esse movimento.

Durante a conversação, alguns alunos podem ter identificado museus como espaços de preservação, e teatros e cinemas como ambientes de inovação. Mas podem ser os museus locais de inovações e invenções e os teatros locais de preservação? Um artista de web art pode ter seu espaço de invenção em sua própria casa? Um grupo de maracatu pode preservar sua linguagem artístico-cultural em um parque público?

Em um dado momento, você poderá suspender a conversação e pedir que os alunos inventem um mapa (ou mais) indicando os espaços de cultura

que lhes venham à memória. A estética é livre, portanto, estimule-os a explorar as possibilidades de criar o mapa, variando formas, cores, materiais, suportes, tamanhos, dimensões etc.

Sugerimos que seja organizada uma exposição dos trabalhos, buscando idéias para a exposição, focando, por exemplo, a diversidade de mapas bi e tridimensionais, a disposição das obras, as intenções que permeiam essas escolhas etc.

Caso disponha de tempo, proponha a criação de um mapa coletivo, construído por todos os alunos da sala ou por grandes agrupamentos de alunos. No caso deste último, procure indicar regras para a divisão dos grupos de modo a promover maior diversificação em sua composição e, desse modo, um incremento da qualidade de relacionamentos interpessoais e de olhares. É possível agrupá-los por afinidade de suas obras, espaços de cultura semelhantes, proximidade dos colegas na sala de aula, sequência da chamada, cor dos materiais (caderno, mochila, lápis, caneta) ou outra que permitida aos alunos interajam entre si não apenas por suas afinidades.

A reflexão sobre o processo é muito importante. Converse com os alunos sobre seus percursos e incentive-os a compartilhar suas experiências. Sugira algumas reflexões sobre os mapas: ao olhar os mapas dos colegas surgem novas idéias? Se fosse pedido para repetir a atividade, você faria o mesmo mapa? Que novos espaços de cultura foram descobertos? Como seria esse mapa anos atrás? Você pode imaginar como será no futuro? Em que outros suportes poderiam ser criados os mapas?

Com essa reflexão, podemos abrir um olhar para o processo, para a importância da repetição do ato de experimentar (que não é o mesmo que reproduzir) e do constante movimento da arte e da cultura.

Situação de aprendizagem 2

Tanza, um olhar sobre a sétima arte

Recomendada para: Ensino Fundamental II e Ensino Médio

Duração: 2 aulas

Elaboração: Bruno Fischer Dimarch

O bjetivos

- Observar o uso de elementos da linguagem cinematográfica.
- Investigar as escolhas estéticas e expressivas do diretor na narrativa do filme.
- Discutir o tema abordado na obra.

R ecurso materiais

- Televisor, aparelho reproduzidor de DVD, filme "Crianças Invisíveis".

<http://culturaecurriculo.edunet.sp.gov.br>

A apresentaçã

A arte, como texto cultural, carrega uma rede de sentidos e significados. Formas remetem a outras formas. As linhas em forma de serpente que remetem a representações femininas criadas por certos povos, aos cabelos esvoaçantes das bacantes, da Vênus de Botticelli e das fotografias de moda

feminina. A forma do raio, do princípio masculino, do trovão de Thor – o deus nórdico, do emblema de heróis das histórias em quadrinhos.

A produção “Crianças Invisíveis”, parte integrante do projeto Cinema Vai à Escola, apresenta uma série de curtas-metragens dirigidos por diferentes nomes do cinema mundial. Em cada um, os diretores exploraram as possibilidades oferecidas pelo jogo de sentidos que o tema “crianças invisíveis” ofereceu em diversos contextos.

Concentremo-nos em Tanza, o curta-metragem que abre a produção, de Mehdi Charef, tanto pelas possibilidades de investigação que nos oferece quanto por sua cena final em uma sala de aula.

Conteúdo

- Ficção, realidade, linguagens simbólica e metafórica.

Procedimentos

O primeiro passo é assistir ao filme antes de levá-lo à sala de aula, para entrar em contato com seus signos, seus encantos e questões. Registre suas impressões e, se possível, converse com outros professores sobre o filme.

No caderno de cinema que compõe a caixa de DVDs (que pode ser baixado pelo *site* <<http://culturaecurriculo.edunet.sp.gov.br>>), há informações importantes sobre o projeto *Cinema Vai à Escola* e sobre o filme.

É preciso preparar o espaço onde o filme será exibido para que os alunos possam fruí-lo da melhor forma possível. Nesse momento, descubrem-se as limitações e exploram-se as possibilidades do ambiente.

Oriente seus alunos sobre as diferenças entre assistir a um filme em casa, no cinema e na escola. Ele é agora um objeto de estudo, mobilizador de uma situação de aprendizagem. Com isso não se pretende esvaziar o filme

de seu encantamento, mas voltar o olhar do aluno para a seriedade dessa apreciação como um desvelar de conhecimentos, como um trabalho pedagógico.

Luz, câmera, ação!

Após a exibição do filme, pergunte a seus alunos se esse filme é uma ficção ou uma representação documental da realidade. Que estória está sendo contada? Ela é contada de modo realista? Quem são as personagens? Dê o tempo necessário para a resposta a cada questão, procure instigar a conversação sobre o filme que acabaram de assistir.

Para adentrar nos sentidos do filme, pergunte aos alunos qual a relação da estória com o título da produção: "Crianças Invisíveis". O diretor deixou várias pistas ao longo da narrativa que indicam onde pode estar a criança desse filme.

A princípio, as crianças invisíveis parecem ser a milícia-mirim, mas o diretor parece querer mostrar uma criança ainda mais oculta. Por meio de objetos e da relação de Tanza com estes são lançadas pistas para encontrar a criança interior do protagonista. Num sítio abandonado, nas paredes de uma casa (em construção, abandonada, queimada, destruída?) encontram-se ocultos alguns objetos. Ao observar a vila, Tanza vê um jogo tradicional brincado pelas crianças. Ao adentrar na sala de aula, se depara com desenhos de alunos colados na parede, depois com um boneco, com um globo terrestre, com o retrato dos alunos junto ao professor e finalmente com a lousa, que ainda continha as lições da última aula.

O que esses objetos têm em comum? De que mundo fazem parte um estilingue, um lápis de cor e um boneco? Cada objeto carrega significados múltiplos isolados, mas colocados em sequência encadeiam uma narrativa. Os pontos de conexão entre eles parece ser exatamente o da infância.

Quando Tanza entra na sala de aula, o ambiente está escuro, apenas com algumas frestas de luz. O protagonista parece perder sua frieza e seu corpo começa a tremer, ele aponta para os objetos e faz o som de sua explosão, pois são elementos da infância que foram reprimidos. Ele não manipula mais bonecos e desenhos, e sim uma arma. Psicologicamente, estar no escuro pode estar associado a entrar no mundo do inconsciente, onde simbolicamente mora a parte reprimida do ser humano. O contato com as questões na lousa o faz abandonar sua missão e atender ao chamado de sua criança interior. Tanza não retira o tênis em momento algum do filme, exceto após entregar-se àquele mundo que lhe parecia ter desaparecido. O que o diretor estaria propondo? Que significados adquiriram os tênis?

Pergunte aos alunos se eles repararam na trilha sonora. Exceto por um curto trecho de uma música logo no início do filme, ele segue apenas com

sons. Quais são esses sons? Há instrumentos musicais ou efeitos sonoros? Quando Tanza se liberta de sua identidade de guerrilheiro, vertendo lágrimas, ele desliga a bomba recostando sua cabeça nela como num travesseiro, libertando-se de seu fardo e sorri. Nesse instante, surge uma música. Como é essa música? Que efeitos ela possibilita nesta cena? O que ocorre com a imagem?

A cena final é um excelente estudo sobre a importância das escolhas do diretor ao contar uma história. Repare no enquadramento, a imagem que preenche a tela. No close em Tanza, quando ele se senta na carteira, que parte de seu rosto, desce aos pés e volta ao rosto, agora com lágrimas. Finalmente, ainda no close, é congelada a imagem no momento mais impactante da narrativa, no sorriso, na aceitação da criança invisível.

Em arte, a riqueza está em como dar forma aos sentidos, às sensações e às narrativas. Nem sempre uma obra terá narrativas descritivas, pois a arte tem a possibilidade de "falar sobre si mesma", ser autorreferencial. Uma imagem pode ser um fim em si, ainda que carregue informações que a localizem no tempo e em certo pensamento artístico.

É muito importante que os alunos percebam que histórias o homem vem contando ao longo do tempo e de que maneiras. O que está imbricado nos livros de hoje, nas séries, filmes e novelas? A história de cada um de nós é permeada de histórias. Dentre elas, quais você se apropriou? Quais os livros, filmes, músicas, HQs, revistas, espetáculos, imagens e outros elementos da cultura que se colam à sua própria narrativa de vida?

Os alunos podem querer rever o filme, que será uma nova história, pois eles terão movido seus pensamentos em diversas direções. Além de revisar o curta, recomendamos que o compare a outro desta produção. Ao final, retome a problematização, qual a relação da história com o título "Crianças Invisíveis" e que caminhos o diretor percorreu nesta narrativa? Sugerimos o curta de Jordan e Ridley Scott, "Jonathan".

Situação de aprendizagem 3

Identidade cultural

Recomendada para: Ensino Fundamental II e Ensino Médio

Duração: 2 aulas

Elaboração: Bruno Fischer Dimarch

Objetivos

- Identificar repertórios musicais dos alunos.
- Perceber as escolhas como parte de sua identidade.
- Refletir sobre os fatores que influenciam na formação do gosto musical.

Recursos Materiais

- Giz e lousa.

Apresentação

A singularidade do ser humano é permeada de elementos compartilhados. Mesmo que cada um seja único e a sociedade seja composta de seres heterogêneos, nossas identidades partilham de aspectos socioculturais comuns.

A proposição que segue baseia-se na questão da identidade dos alunos. Tendências se conectam, se distanciam, formas se agregam, se perdem, mudam de sentido. Dentro desse complexo e extenso assunto, vamos focar as questões estéticas que permeiam a construção de identidade.

Essa situação de aprendizagem foi elaborada como uma estratégia de aproximação dos alunos ao universo da arte pela percepção das relações destas com a cultura e a vivência de cada um.

Conteúdo

- Arte, identidade e cultura.

Procedimentos

Os pontos de partida para iniciar a conversação com os alunos são muitos. A seguir, apresentaremos uma proposição para disparar a situação de aprendizagem; todavia, há a possibilidade de partir de vários temas como cultura, estética, moda, repertório artístico, ou de um tema proposto pelo professor.

Começemos pela identidade. Como definimos a nós mesmos? Peça aos alunos que, com o menor número de palavras que puderem, se descrevam para alguém que não os conheça. Preferencialmente, solicite que realizem a encomenda por escrito.

Esses dados serão utilizados para problematizar quais informações especificadas pelos alunos relacionam-se com a construção cultural de suas identidades. Partindo-se dos relatos sobre si mesmos podemos perceber desde descrições físicas a informações construídas culturalmente como signo zodiacal, gostos, preferências, identificação com grupos juvenis, classe social, religião, mercado de trabalho, projetos.

Podemos agora discutir questões culturais relacionadas à identidade. Na autodescrição dos alunos, quais características têm pontos comuns com a de outros colegas? Peça para eles localizarem em seus próprios relatos

algo descrito que seja exclusividade de algum deles. Certas características podem ser únicas no âmbito da sala de aula, da escola ou mesmo da comunidade, mas será que ninguém mais partilha dessa característica?

Na lousa, crie alguns territórios recorrentes como grupos juvenis¹ (por alguns autores são chamados de tribos urbanas, todavia preferimos não utilizar este termo pela implicação que este pode ter de destacar apenas os grupos mais definidos), religião, profissão, signo, time de futebol, RPG, histórias em quadrinhos e outros que constarem em suas descrições. Em torno dos territórios, escreva o nome dos alunos que se descreveram nos territórios. Muitos apareceram em vários territórios, assim como poderão surgir territórios não previstos inicialmente. É possível propor que os próprios alunos escrevam seus nomes em volta dos nomes dos territórios. Concluída a atividade será possível perceber como a identidade é partilhada e atravessada pela cultura.

A cultura dispõe de variada gama de elementos ofertados para a construção da identidade, sendo que as fontes podem ser as mais diversas. Os alunos se lembram em qual contexto sentiram-se filiados, pertencentes ou desejosos de certos elementos culturais de suas identidades? Quando começou a torcer para seu time? Alguém lhe influenciou nessa escolha? A opção de se filiar a um grupo juvenil se instaurou por quais motivos? O que você espera desse grupo? Esse grupo espera algo de você? Quais são as regras de pertencimento? Seria a indumentária, um modo de falar, uma postura, as preferências musicais, os lugares de frequência parte dessas regras?

Cada um dos territórios oferece possibilidades de perceber e problematizar as relações dos alunos com a cultura, suas origens e os acordos que as permeiam. A indumentária talvez seja um dos principais elementos que caracterizam as identidades e um olhar estético pode revelar pela forma suas escolhas. Cada torcedor usará determinadas camisetas com certo arranjo de cores, tipo de malha e informações estampadas. A predominância da cor preta nas roupas de preferência de um aluno pode ser um indicativo de sua filiação ao *heavy metal*, ao *rock*, ao *gótico*, ao *hard core* etc. Roupas mais largas e coloridas, bonés, toucas de certas marcas podem estar destinadas ao público específico do *hip-hop*. O uso exclusivo de saias ou a cobertura do corpo todo, com apenas mãos e rostos descobertos, para mulheres, traje passeio², túnicas, turbantes e

1 Nesse território encontram-se as diversas formas de agrupamentos jovens como skatistas, surfistas, rockeiros, góticos, pagodeiros, funkeiros, rappers, grafiteiros etc.

2 Para os homens terno, gravata e sapato; para as mulheres, saia comprida ou calça, com terninho, ou vestido longo. Preferem-se as cores mais discretas.

kipot³ para homens podem ser elementos que culturalmente caracterizam a filiação a determinada religião. Investigue com os alunos as relações existentes entre as diversas indumentárias e as identidades características. Muitas vezes, eles perceberão que certas roupas e acessórios podem caracterizar mais de um grupo ou não caracterizar nenhum especificamente.

Podemos também nos centrar nas escolhas musicais dos alunos. Elas são importantes para sua identidade? De que modo elas chegaram até eles: pela família, pela comunidade, pelas mídias como televisão, rádio ou internet? Elas estão associadas a algo em particular na vida dos alunos, a um momento, sentimento, mudança, identificação? Quais são as principais músicas? Poderiam ser classificadas por ordem de preferência? Há algo mais forte na escolha das músicas (estética sonora, letra da música, grupo juvenil ou filiação cultural à qual pertence)? Normalmente, os alunos costumam cantar, tocar, dançar, fruir normalmente essas músicas?⁴

Por fim, uma conversa sobre as linguagens artísticas no cotidiano dos alunos e em diferentes realidades culturais. Quais são as linguagens artísticas que os alunos conhecem? Que relação eles estabelecem com elas? Já tiveram contato próximo? Alguma delas faz parte de seu cotidiano? Nesse ponto, você poderá lhes contar sobre as linguagens convergentes⁵, ou seja, linguagens que engendram preocupações estéticas e, em geral, agregam elementos das linguagens artísticas mas com divergência quanto à função, tais como design (de móveis, automóveis, *website*, jogos de videogame), moda, propaganda, jornalismo, *jingle*, arquitetura, iluminação.

Esta conversa é salutar para a percepção das relações que os alunos estabelecem com a cultura e como a arte nela está presente.

3 Plural de kipá, kippa ou kippah, significa cobertura e é utilizada no topo da cabeça por homens judeus.

4 Para este momento fomentamos uma discussão sobre, metaforicamente, a trilha sonora que marcou a vida dos alunos. A que sensações e memórias as músicas estão “coladas”? Mais informações sobre a proposição podem ser encontradas no artigo “Escolhas musicais e ecletismo: reflexões acerca de diferentes repertórios e estéticas” de Maria Cecília Araújo R. Torres, parte da publicação Em aberto, número 77, “Educação estética: abordagens e perspectivas”. Disponível em: <<http://www.publicacoes.inep.gov.br/>>. Acesso em 29/1/2009.

5 No Caderno do Professor da 2ª série do ensino médio, p. 16, encontramos a seguinte definição de linguagens convergentes: “[linguagens] que nem sempre são consideradas arte, mas trabalham com seus códigos”.